

Julho / 2020

Assim como no mês anterior, observamos os efeitos das aberturas realizadas por países do hemisfério norte, porém direcionando o radar de atenção voltado para os Estados Unidos, isso por conta do crescimento do contágio do novo coronavírus, em alguns estados americanos, trazendo preocupação e volatilidade para o mercado.

Além disso, o mercado também acompanhou as negociações no congresso americano sobre a extensão dos estímulos econômicos direcionados para combater os graves efeitos do coronavírus na economia.

Por fim, as movimentações em torno da eleição presidencial dos Estados Unidos ganharam um maior destaque, com o enfraquecimento do atual presidente Donald Trump, e a ascensão de Joe Biden, dos democratas, fato importante por que a consolidação de um presidente democrata no poder, pode trazer importantes mudanças no que se refere a política econômica.

Devido a esse cenário, o Dólar passou a perder valor perante as demais moedas, porém a manutenção dos baixos juros, contribuiu para um bom desempenho das bolsas de valores dos Estados Unidos.

Em julho, os líderes europeus aprovaram €750 bilhões para o Fundo de Recuperação da União Europeia. Após a publicação do PIB da Zona do Euro, com todos os países do bloco em instabilidade, deu para se ter uma noção melhor dos estragos promovidos pelo coronavírus nas economias e a necessidade desse aporte. Resultados que notamos nos mercados, onde reagiram forte e fecharam no vermelho.

No Brasil, o número de casos de contágio e óbitos pelo “coronavírus” segue crescente, diante de um processo de reabertura econômica sem base científica na maioria das regiões do país, correndo o risco de sermos atingidos por uma segunda onda de contágios sem ao menos sairmos da primeira. Nem ao menos um titular para o Ministério da Saúde o país tem. O certo é que o país está no centro da maior recessão da história, com um acréscimo monstruoso de desempregados na estatística e um aumento da desigualdade social.

O viés otimista dos mercados de risco também teve respaldo na expectativa pelo desenvolvimento de uma vacina eficaz contra o “coronavírus” num prazo menor do que o esperado, diante de uma série de laboratórios em estágio avançado de ensaios com resultados promissores.

INTERNACIONAL

EUROPA

A Europa vê os efeitos econômicos da pandemia se agravarem, ao mesmo tempo em que enfrenta a ameaça de uma segunda onda de contaminações. A Alemanha deve estender seu esquema de licença no trabalho para 24 meses. O sistema permite às empresas colocar seus funcionários em trabalho de meio período para reduzir custos.

Com a dúvida sobre a recuperação na economia, a inflação na Europa continua baixa. Em julho, mês em que as medidas de contenção da Covid-19 continuaram a ser levantadas, a taxa de inflação anual da área do euro foi de 0,4%, pouco mais que o 0,3% em junho. Um ano antes, a taxa era de 1%. A inflação anual da União Europeia foi de 0,9% em julho, face a 0,8% em junho. Um ano antes, a taxa era de 1,4%. Os números são da Eurostat, o serviço de estatística da União Europeia.

Na Europa, ao final, o índice Stoxx Europe 600 ficou em queda de 0,89% aos 356.33 pontos em Londres; o índice FTSE100, bolsa de Londres, ficou em queda de 1,54% aos 5.897 pontos; o índice DAX30, bolsa de Frankfurt, ficou em queda de 0,54% aos 12.313 pontos; o CAC 40 (Paris) ficou em queda de 1,43% aos 4.783 pontos; o FTSE-MIB (Milão) ficou em queda de 0,71% aos 19.091 pontos; o Ibex 35 (Madri) ficou em queda de 1,70% a 6.877 pontos; e o PSI-20 (Lisboa) ficou em queda de 0,22% a 4.295 pontos.

Conforme previsão da Comissão Europeia, o PIB da zona do Euro deve registrar uma contração de -8,7% este ano, diante do impacto econômico sem precedentes devido à crise gerada pela pandemia do “coronavírus”. A nova previsão revela uma piora nas projeções anteriores. Em maio, a Comissão Europeia projetava o PIB da região fechando o ano em -7,7%. Para 2021, a Comissão prevê uma recuperação do PIB da ordem de 6,1%.

EUA

A economia dos Estados Unidos contraiu no segundo trimestre no ritmo mais acelerado desde a Grande Depressão, em 1929. Uma vez que a pandemia de Covid-19 deteriorou os gastos dos consumidores e das empresas, e a recuperação está sob ameaça, após o ressurgimento dos casos de coronavírus em alguns estados americanos.

O Produto Interno Bruto despencou 32,9% em taxa anualizada no trimestre passado, declínio mais forte da produção desde que o governo começou a registrar os dados em 1947, informou o Departamento do Comércio. A queda do PIB foi mais do que o triplo do declínio recorde anterior de 10% no segundo trimestre de 1958.

As projeções sobre o recuo do PIB, mostravam uma taxa de 34,1% entre abril e junho. A maior parte das perdas históricas nos dados do Produto Interno Bruto aconteceu em abril, quando a atividade quase parou depois que restaurantes, bares e fábricas foram fechados em meados de março para conter a disseminação do coronavírus. Embora a atividade tenha acelerado a partir de maio, voltou a desacelerar em meio ao ressurgimento de novos casos da doença, especialmente nas regiões mais povoadas no Sul e Oeste, onde autoridades estão fechando as empresas novamente ou dando uma pausa na reabertura. Isso reduziu as esperanças de uma forte recuperação do crescimento no terceiro trimestre.

O banco central dos EUA manteve a taxa de juros perto de zero e prometeu continuar injetando dinheiro na economia e seguem dizendo que conseguem injetar liquidez na economia até quando for preciso.

Nos Estados Unidos, ao final, o Dow Jones ficou em alta de 0,44% aos 26.428 pontos. O S&P ficou em alta de 0,77% aos 3.271 pontos. O Nasdaq ficou em alta de 1,49% aos 10.745 pontos.

ASIA

Na região da Ásia Oriental, a primeira a enfrentar os problemas oriundos da contaminação pelo “coronavírus” e também a primeira a retomar o comércio, os números da atividade seguem crescentes.

Conforme informou a agência Caixin/Markit, o índice de gerente de compras (PMI, na sigla em inglês) industrial chinês subiu a 54.2 pontos em julho, de 54,4 pontos no mês anterior. De acordo com o relatório, a oferta e a demanda interna e externa se recuperaram na China. E, apesar de ressurgir em alguns lugares específicos, a pandemia permaneceu sob controle no país

O Índice dos Gerentes de Compras (PMI) é um indicador composto projetado para fornecer uma visão geral da atividade no setor industrial e funciona como um indicador importante para toda economia. Quando o PMI está abaixo de 50,0 indica que a economia industrial está em declínio e um valor acima de 50,0 indica uma expansão da economia industrial.

Porém, mesmo com os dados positivos, mercados de ações fecharam julho no negativo. Os dados do PMI da China, que se mantiveram em alta, não tiveram força para sustentar os índices.

PIB chinês cresceu 3,2% no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano passado, superando a mediana das previsões de um aumento de 2,6%, após a queda histórica de 6,8% no primeiro trimestre. Agora, o país foi o primeiro a registrar um crescimento positivo após o início da pandemia. A alta do número foi puxada pela indústria, que cresceu 4,8% em junho, na comparação com o mesmo mês do ano passado.

Entretanto, o protagonismo dos investimentos públicos na indústria, além dos números fracos do consumo, com as vendas no varejo recuando -3,9% no segundo trimestre frente ao mesmo período do ano anterior, apontam para um crescimento não sustentado do PIB.

Na Ásia, ao final, o índice Hang Seng, bolsa de Hong Kong, ficou em queda de 0,47% aos 24.595. O índice Xangai, China, ficou em alta de 0,71% aos 3.310. O índice Shenzhen Composite ficou em alta de 1,33% a 2.256. O índice Nikkei 225, bolsa de Tóquio, ficou em queda de 2,82% aos 21.710. O índice FTSE Straits Times, bolsa de Singapura, ficou em queda de 1,70% aos 2.529. O índice Kospi, Seul, ficou em queda de 0,78% aos 2.249. O índice Sensex, bolsa da Índia, ficou em queda de 0,34% aos 37.606. O índice Taiex, bolsa de Taiwan, ficou em queda de 0,46% aos 12.664. O índice XJO, bolsa de Sidney, ficou em queda de 2,04% aos 5.927. Os mercados de Singapura não operaram com feriado.

Conforme previsão do BoJ, o banco central japonês, a economia do país encolherá entre -4,5% a -5,7% no ano fiscal de 2020, que termina em março de 2021, e crescerá entre 3% a 4% no ano fiscal de 2021, com expectativas de que atividades econômicas retornarão gradualmente aos níveis pré-pandemia.

MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL

No mercado internacional de renda fixa, a volatilidade nos preços manteve-se próxima ao normal após o FED manter o juro próximo de zero e anunciar que assim deverá permanecer por um tempo suficientemente prolongado enquanto a economia doméstica não se consolidar no terreno do crescimento. Os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento de 0,568% ao ano no final junho, recuaram no fechamento de

julho para o nível em torno de 0,533% ao ano, enquanto o rendimento dos títulos do Tesouro de 30 anos recuou para 1,196% ao ano em julho.

Já o rendimento dos títulos do governo japonês de 30 anos passou para 0,525% ao ano em no fechamento de junho, uma queda de 0,077 pontos em relação a maio.

Para as bolsas de valores internacionais o movimento foi de valorizações diante da maior clareza sobre a retomada do crescimento da economia global. Enquanto a bolsa alemã (Dax) recuou 0,54 %, a inglesa (FTSE 100) caiu 1,54%, a do Japão (Nikkei 225) registrou queda de 2,82% e a americana (S&P 500) valorizou 0,77 %.

O petróleo referência Brent ficou em alta de 0,39% aos US\$43,69 o barril negociado na bolsa Mercantil de Futuros de Londres, o petróleo WTI também operou em alta de 1,28% e com o barril negociado aos US\$40,43 na bolsa Mercantil de Futuros, Nova York. O preço do minério de ferro negociado no porto de Qingdao, China, ficou estável a US\$110,58 a tonelada seca.

O avanço no preço do óleo ocorre após o acordo de corte na produção pela OPEP+, além de declínios acentuados na produção de outros produtores, liderados pelos EUA e Canadá, em resposta ao colapso na demanda sem precedentes.

NACIONAL

ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), considerado uma prévia informal do PIB, registrou uma alta de 4,89 % no mês de junho ante maio, revelou o Banco Central, refletindo uma leve recuperação depois da forte retração da atividade por conta da pandemia pelo “coronavírus”. O número não decepcionou, estando dentro das expectativas criadas pelo mercado. Apesar de reportar crescimento em junho, a economia brasileira ainda não se recuperou do tombo registrado nos meses anteriores. No acumulado do segundo trimestre, o indicador do BC registrou queda de 10,94%.

A taxa de desemprego no Brasil avançou para 12,9% no trimestre encerrado em maio, atingindo 12,7 milhões de pessoas, segundo dados da Pnad Contínua divulgados pelo IBGE. A taxa é ligeiramente superior a registrada no trimestre encerrado em abril, de 12,6%, e mostra parte dos efeitos da crise econômica causada pela pandemia pelo “coronavírus” no mercado de trabalho brasileiro.

SETOR PÚBLICO

Conforme informou o Banco Central, o setor público consolidado (Governo Central, Estados, municípios e estatais, com exceção de Petrobras e Eletrobrás) registrou um déficit primário R\$ 188,6 bilhões em junho, o maior déficit já registrado na série histórica, iniciada em dezembro de 2001, em um reflexo dramático dos impactos da crise provocado pela pandemia no front fiscal.

Apesar da meta original para este ano estar fixada em R\$ 124 bilhões, ou 1,6% do PIB, com o aumento de despesas públicas em função da pandemia pelo “coronavírus” o Tesouro Nacional revisou as estimativas para a atividade econômica em 2020, e espera um déficit primário do setor público de R\$ 708,7 bilhões em 2020. O valor corresponde a 9,9% do PIB.

A dívida bruta geral do setor público, que contabiliza os passivos dos governos federal, estaduais, municipais e do INSS passou de 55,0% para 58,1% do PIB em junho de 2020. A DLSP atingiu R\$ 4,176 trilhões, conforme divulgou o Bacen. As estimativas do mercado convergem para uma disparada na dívida pública este ano em função do aumento de gastos com as medidas emergenciais de ajuda aos mais necessitados. É crescente o número de previsões esperando que a dívida ultrapasse o patamar de 95% do PIB, quase o dobro da média dos países emergentes.

INFLAÇÃO

Puxada pela gasolina e pela conta de luz, a inflação do país, medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), aumentou para 0,36% em julho. Esse é o maior resultado para um mês de julho desde 2016, quando o IPCA foi de 0,52%.

Em junho, o indicador (IPCA) ficou em 0,26%. Em julho de 2019, a taxa havia ficado em 0,19%. O índice acumula alta de 0,46% no ano, enquanto o acumulado em 12 meses é de 2,31%.

Portanto, a inflação segue abaixo da meta do governo para este ano, que é de 4%, com margem de 1,5 ponto percentual para mais ou menos, ou seja, podendo variar entre 2,5% e 5,5%.

O Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M) subiu 2,23% em julho de 2020, percentual superior a junho, quando havia apresentado taxa de 1,56%. Com este resultado, o índice acumula alta de 6,71% no ano e de 9,27% em 12 meses. Em julho de 2019, o índice havia subido 0,40% e acumulava alta de 6,39% em 12 meses.

De acordo com André Braz, economista do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Coordenador dos Índices de Preços, “Os três índices componentes do IGP-M apresentaram aceleração em julho. O IPA, índice de maior peso, registrou forte alta nos preços de importantes commodities: minério de ferro (5,83% para 8,98%), soja (1,43% para 8,89%) e bovinos (3,26% para 8,94%). Já o IPC foi diretamente influenciado pela alta de 4,45% no preço da gasolina. Por fim, a taxa do INCC avançou devido aos acordos coletivos firmados no RJ e em SP que resultaram em alta de 0,92% na mão de obra”.

CÂMBIO E SETOR EXTERNO

O dólar comercial encerrou o mês de julho com alta de 1,34%, cotado a R\$ 5,2242 na venda, em meio à deterioração das contas públicas devido ao elevado custo social produzido pela pandemia do “coronavírus”, e os temores dos impactos da paralisação das atividades na economia por um período prolongado. No acumulado do ano, a moeda norte-americana valorizou 38%.

As exportações, em julho, registraram US\$ 19,6 bilhões, ao mesmo tempo que as importações foram de US\$ 11,5 bilhões, com um superavit de US\$ 8,1 bilhões. Em termos dessazonalizados, este foi o maior já registrado, ao menos com base na nova série que se inicia em 1997. A razão desse grande superavit é uma queda relativamente modesta das exportações, sempre corrigidas as variações sazonais, enquanto as importações continuam a cair fortemente.

O deficit de transações correntes, utilizando com base o produto interno bruto (PIB), caiu de 2,3% para 1,4%. A redução tanto das exportações quanto das importações de bens resultou numa queda do superavit comercial. Ao mesmo tempo, o deficit da conta de serviços também se reduziu. Já nas contas financeiras, o ingresso líquido de recursos, excluída a variação de reservas, caiu US\$ 17 bilhões para US\$ 8,1 bilhões, uma variação de US\$ 25,1 bilhões.

RENDA FIXA

Para o mercado de renda fixa, a decisão do Copom em reduzir a taxa Selic em mais 25 pontos base, levando a taxa para o menor patamar da série histórica, aos 2% ao ano, corroborou com a percepção dos investidores e alimentou a valorização dos ativos.

Em julho, o mercado de títulos públicos e o de títulos corporativos, representados pelo IMA e pelo IDA, vivenciaram o seu melhor mês em 2020. O IMA-Geral registrou retorno mensal de 1,74% e acumula variação de 3,64% em 2020. Já o IDA-Geral apresentou ganho de 2% em julho e no ano registra 1,25%.

Entretanto, o destaque ficou com o índice de maior duration e que reflete a percepção de risco no longo prazo, o IMA-B5+, o qual registrou ganho de 7,32% no mês – o melhor resultado desde o final das eleições presidenciais de 2018. O IRF-M1+, que também reflete a percepção de risco no médio e longo prazo, vem em seguida, com ganho mensal de 1,47% e de 7,59% no ano. O IFR-M1 e IMA-B5 apresentaram resultado em linha com o mês anterior, e rentabilizaram 0,24% e 0,99%, no mês, acumulando 2,84% e 4,19%, em 2020, respectivamente.

RENDA VARIÁVEL

Para o Ibovespa, o mês foi de manutenção do movimento de recuperação parcial das fortes perdas observadas nos meses de março e abril. Mesmo com o avanço da pandemia pelo Brasil, o mercado financeiro acompanhou o desempenho externo. O Ibovespa espelhou, em parte, os ganhos das bolsas no exterior, mas principalmente a melhora de uma série de indicadores da economia doméstica. Ao final do mês de julho, o Ibovespa acumulou alta de 8,27%, no ano a desvalorização é de 11,01. O índice encerrou o mês aos 102.912 pontos.

PERSPECTIVAS

O mês de julho foi pautado pela evolução positiva da pandemia no velho continente e na Ásia, apesar da preocupação com uma possível segunda onda de contágios devido à reabertura gradual das atividades, que colocou um grande contingente de pessoas na rua expostas ao vírus que ainda circula. E pelos novos casos da disseminação tardia do vírus nos Estados Unidos, trazendo mais incertezas e instabilidades à economia, levantando novamente os assuntos relacionados ao desenho da curva de recuperação.

Os indicadores mais recentes da saúde econômica dos países já permitem afirmar que a reabertura das atividades destravou a economia, ainda que a normalidade ainda esteja longe de ser atingida.

A maior fonte de preocupação continua sendo nas Américas do Sul, Central e do Norte, onde o contágio e o número de óbitos seguem na direção ascendente. No Brasil, a disseminação do contágio pelo interior do país, ainda que nas principais regiões a escalada do contágio tenha regredido, manteve o número de novos casos em patamares elevados e a retomada da atividade como um todo ainda um tanto reduzida.

A economia doméstica continua ainda muito fraca, com a demanda agregada reduzida e um nível de ociosidade elevado. Contudo, embora repletos de incertezas por todos os lados, os dados recentes de atividade e demanda começam a se consolidar e parece que a situação parou de piorar. Nada que nos afaste de um cenário ruim, contudo nos parece que já há luz no final do túnel, a depender da evolução do contágio. O cenário provável indica que a economia brasileira recuará na casa dos 6%, e a taxa de desemprego progredirá mais alguns pontos, dado que o final do programa de manutenção do emprego e renda está próximo e forçará pequenos e médios empresários a rever seus negócios, colocando assim mais pessoas na fila do desemprego. A boa notícia, caso retomemos aos rumos pré-pandemia, é que a reação que se prevê na atividade econômica iniciar já em meados do terceiro trimestre, avance e se consolide em 2021. Nessa hipótese, o mercado de trabalho reagirá à frente.

Do lado fiscal, os efeitos da pandemia são devastadores. A disciplina fiscal foi abortada, e as previsões são de que o déficit primário atinja um número próximo dos R\$ 700,0 bilhões em 2020, até certo ponto compreensível diante da situação. Entretanto, a sociedade (leia-se “instituições”) terá que trabalhar duro para que possamos retornar a situação de equilíbrio fiscal, notadamente nas questões que envolvem as reformas que deverão tramitar no Congresso, com destaque para as reformas tributária e administrativa. Caso contrário, estaremos sujeitos a dificuldades em nos financiar com eventual aumento dos prêmios solicitados pelos investidores para rolar a dívida mobiliária. No momento temos a vantagem das taxas de juros se situarem em patamares baixos, mas em um ambiente onde há risco de solvência é a situação que passa a ser totalmente adversa.

Diante desse cenário, mantemos nossa recomendação de acompanhamento diário dos mercados e estratégias. Somente movimentar os recursos necessários para fazer frente às despesas correntes, e que sejam resgatados dos investimentos menos voláteis (CDI, IRF-M1, IDkA IPCA 2A). Os demais recursos mantenham-os em “quarentena” esperando um melhor momento para realocar. Tomar decisões precipitadas pode ensejar uma perda decorrente da desvalorização dos investimentos sem possibilidades de recuperar na retomada do mercado. Para aqueles que enxergam, assim como nós, que estamos diante de uma excelente oportunidade para investir recursos de longo prazo a preços mais baratos, municie-se das informações necessárias para subsidiar a tomada da decisão.

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	65%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	15%
Gestão do Duration	25%
Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2)	20%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	5%
<u>Renda Variável</u>	30%
Fundos de Ações	20%
Multimercados	5%
Fundos de Participações *	2,5%
Fundos Imobiliários *	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	5%

* Aos clientes que investem em FIDC / Crédito Privado / Fundo Debênture, utilizar como limite máximo o percentual destinado ao Médio Prazo.

** Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição de 15% aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.